

CEDI - P. 1. B.
DATA 22/06/94
COD MTD 00026

Megaron escreve

dezembro de 1980 -

Voce deve saber que eu nunca estudei com uma professora assim / como voce, que está dando aula para o pessoal aí no Diavaram agora. Eu sempre estudei sózinho ou então com algumas pessoas que vem de fo- ra, como antropólogos, dentistas, jornalistas e outras pessoas que / vem aqui para o Parque Nacional do Xingu. É por isso que eu não sei usar bem as letras certas. Mas mesmo assim vou escrevendo e apren- dendo a usar as letras certas, as palavras certas.

Ben, então eu vou escrever a história do meu povo. Quando meu / povo entrou em contato com o branco (kubem na minha língua, caraiba na língua dos outros índios), eu era um menino de 4 anos mais ou me- nos. Naquele tempo nós índios não sabíamos nem contar a idade. Só a- gora que eu estou aprendendo a fazer contas e também contar as ida- des. Mas não era bem isso que eu queria dizer. Eu quero é contar a história do meu povo, como foi o primeiro contato com os brancos.

Como eu já disse, isso aconteceu quando eu era menino. Eu, Be- djai e Karopi. Um dia meus pais estavam atravessando o rio Xingu, quando escutaram o barulho de um motor descendo o rio. Nós estávamos morando no rio Liberdade. Meus pais resolveram voltar para a aldeia grande, chamada ROIKORE. Digo aldeia grande porque era aonde morava mais gente. Acho que nessa época tinha mais ou menos 800 a 1000 Tru carranões, como disseram os Jurunas. Depois vou contar também um / pouco da história deles. Aliás, nosso primeiro contato foi com os / Jurunas. Aqui mesmo na aldeia dos Jurunas.

Há muito tempo, mas há muito tempo mesmo, nós índios achávamos / que os outros índios eram brabos. Hoje nós estamos vivendo juntos, / todos juntos, graças aos caraibas. Mas quando eu vi o branco pela pri- meira vez na minha vida, um deles usava pedaços de vidroã com arnações segurando nas orelhas, outro tinha muitos cabelos no queixo (barbas), e quase todos eles estavam com roupas. Meu povo não, eram todos lisos digo, todos os índios eram pelados, só usavam MUDJEI (um tipo de / chapou em cima do penis), mas nossas mulheres não usavam nada.

Era assim.

Bem, o branco chegou, trouxe machados, facas, armas, anzóis, miçangas, linhas de pesca, e mais coisas, cartuchos, balas e vestidos para as mulheres. Quando o branco entrou em contato com o índio, ele depois contou para outros como foi. Mas ele só conta a história do lado dele. Nunca um índio é que conta a história do lado dele: / Também o índio não sabia escrever nem contar. Eles contam, mas não / escrevem como o branco. Branco conversa mole, trata bem. Diz que vai trazer sempre as coisas, conversa bonito. E o índio aceita tudo, aceita facão, facas, machados, etc. O que atrai o índio são as coisas do branco. Essas coisas que eu acabei de escrever aí em cima. Índio / só oferece flecha, arco, borduna e mais algumas coisinhas como cocarMEOKO e KROKROCTI, um cocar grande. E machado de pedra também. Essas coisas é que o índio tinha quando o branco entrou em contato com ele.

Mas o que eu quero dizer é o seguinte: antes do contato, índio fazia só festa, muita festa. Às vezes eles saíam para pegar facões e machados dos brancos. Mas pessoal é muito briguento, eles brigavam / muito com os brancos e também com outros índios. Isso eu não vou esconder porque é briga de pessoal antigo. O pessoal às vezes brigava entre eles mesmos. Brigavam muito por causa das mulheres. Até agora tem essas brigas, mas pouco.

Meu povo vivia assim. Eu faço parte desse povo chamado Kaiapós. Eles tinham suas roças, plantavam mandioca, banana, batata doce e mais algumas coisas. A batata, a mandioca e a banana é a comida básica dos Kaiapós. Tem o milho também. O milho, na história do meu povo, foi a primeira comida a ser descoberta, e quem descobriu foi uma velha. Depois eu conto a história da descoberta do milho.

Meu povo plantava suas roças e depois viajav. 3 meses, só voltavam quando as ^{roças} já estavam todas prontas para comer, quando o milho madurecia (porque o milho amadurece primeiro). Às vezes meu / povo passa o tempo caçando, colhendo mel para e os filhos comerem na época do plantio. Dizem que nessa época tinha pessoas que faziam a comida ficar madura mais depressa. Nós chamamos essas pessoas de / NENTTE DJOMARI (aquele que sabe tratar da comida). São alguns índios que vão na roça e tiram raízes. Dizem que é remédio para o milho, banana e batata, e crescem mais depressa. Meu povo acredita nessas coi-

sas). Quando eles voltam da roça, aí as mulheres podem ir na roça pegar o milho e a batata, porque é sempre o milho e a batata que dão primeiro. Os pés de milho crescem e dão milho antes que a banana e a mandioca, como eu já disse. Nessa época, meu povo só come mel, fruta do mato, tatu, jabuti e peixe.. Peixe eles só comiam no tempo da seca, no tempo da chuva eles não comiam muito. Mas é assim mesmo porque o rio enche e o peixe vai todo embora para o mato. Mas o meu povo comia paca, tamandua-bandeira, como agora. Comem também aves como o mutum, jacubim, papagaio, recongo, arara e mais alguns pássaros.

Eu tenho que contar a história bem direitinho para voce entender direito sobre alguns bichos que todo mundo comia. Como a anta, o porco do mato, tatu, jabuti e peixe. Muito antigamente dizem que só os velhos é que comiam paca, veado, cutia, macaco e aves. Vou contar um pouco como é que meu pai ensinava. Ele dizia que eu não podia comer algumas comidas. Ele dizia assim:

-- Para voce ser bom caçador, em primeiro lugar voce não pode comer com a mão, coma com um pauzinho. Quando a sua mãe ou a sua irmã / derem comida para voce, voce abre e espera esfriar, depois come. Ou quando voce estiver na casa dos homens, voce manda pegar a sua comida e deixe seus companheiros comerem. Voce não pode comer abobora, / não pode comer KUORAGÔ. (KUORO-GÔ é mandioca mansa que as mulheres / assam e depois botam no rio para comerem no dia seguinte).

Então eu não podia comer essas coisas. Meu pai falava também:

-- Voce não pode comer cuati, é bicho igual macaco. Voce não pode comer mel com a mão. Tem que comer mel com KAKRO. (KAKRO é um / pauzinho, a gente quebra e mastiga com os dentes e depois quando o / pauzinho estiver igualzinho à uma escova de dentes, pode comer mel com ele). E também só pode comer mel de chapé, aquela abelha que queima a gente (é uma abelha muito pequena, eu não sei como é que o branco chama, não sei se o branco conhece. Mas nós chamamos de KAKO-RARE).

Eu perguntava para o meu pai:

-- O que é que eu vou comer então?

-- Tudo relacionado com alguma coisa, meu pai dizia. Meu filho, como é que voce vai ter coisas? Como é que voce vai matar arara? É / por isso que voce não pode comer essas coisas. Para matar arara, re-

muito coisa para a arara não voar. Dizem que arara enxerga longe e / pode voar.

Essas coisas são um pouco difíceis de explicar, quero escrever / as coisas que eu sei. Eu não sei se está dando para voce entender . / Mas é assim que o meu povo vivia antes do contato com os brancos. Co- mo eu dizia, a vida do índio está toda ligada à terra, mata, campo e o rio. Porque a terra dá a vida para o índio. O mata dá a vida para o índio e a água do rio dá vida para o índio. Quando meu povo faz festa ele precisa do mata para caçar, precisa da terra para plantar mandi- oca, banana, batata, etc., para no fim da festa ter bastante comida. Como voces sabem, este meu grupo que mora aqui no parque, está dan- do dor de cabeça para voces, para a FUNAI e para o branco em geral. Esse meu povo é chamado de Tzucarraná pelos Jurunas. Estes meus an- tepassados vieram do Pará, onde estão morando os KUBEM-KRANKEN, GO - ROTINE e o pessoal do KOKRAIMORO. É de lá que veio o meu pessoal. Por causa da briga de uma mulher. Um índio chamado MOTERE brigou com um / índio chamado EBFORONI. Dizem que o povo estava em festa e todos os / homens foram caçar para a festa. Assim como o pessoal está caçando pa- ra a festa agora. Como eu já disse, o meu povo gosta de fazer festa.

Vou contar o nome de uma festa: BEMP é nome do pessoal e é nome de homem. TAKAK também é nome de homem. KOKO pode ser homem ou mu- lher. Agora NIHAK, IRE, BENOCI e PAINTE é nome de mulher. Pode ser / que algumas famílias não tenham seus parentes homens que tenham os / nomes BEMP, TAKAK. Eles então usam estes nomes: NIHAK, PAINTE, IRE ou então KOKO em filho de homem. Como o nome do meu filho, KOKOPIETI, é nome de mulher, mas como meus parentes não tem nome BEMP e TAKAK, mi- nhã mãe deu este nome para meu filho.

Dizem que a festa chamada BEMP é muito grande. Dizem que leva 6 meses para acabar. Eu nunca vi uma festa dessas, porque não tem gente suficiente para fazer essa festa. Precisa de mais gente. Dizem que juntando o Eretiro com o pessoal do Jarina, dá para fazer a festa / BEMP. TAKAK eu já vi. Para esta festa não precisa de muita gente. Cu- tras festas faz muito tempo que meu pessoal não faz mais. Eu não sei porque. Depois vou perguntar para o pessoal, para os velhos. Agora , NIHAK é junto com NIPIAI. Quando o pessoal faz festa de TAKAK, pode / também fazer NIHAK.

Se eu soubesse contar toda a história, eu contava. Eu sei, mas é que eu não sei explicar. Porque a festa, o dono da festa e as crianças que vão ganhar none no final da festa, a avó e o avô ou o tio, estão todos relacionados entre si. Porque não é como a festa do homem/branco, como Natal ou carnaval. Deve ser tradição do branco, mas é / que tem o dia certo e é uma vez por ano. Também não sei muito bem / como são essas festas, mas é assim mais ou menos. Festa do meu povo não tem dia certo, não tem mes certo para fazer festa. Pode ser / qualquer dia. Depende da festa também. O BEMP não é qual quer dia, é no tempo da seca que o meu povo faz essa festa.

Eu estou escrevendo essa história toda, mas vou escrever melhor ou melhor ainda quando eu gravar a história toda do meu povo, aí eu vou escrever mesmo. Agora eu estou escrevendo mais é para ver se dá para eu escrever melhor ainda. Mas é mais ou menos assim.

Meu pessoal está voltando da caçada, ontem o dono da festa chegou. Essa festa que eles estão fazendo é a festa chamada KUORO KÁGO. Essa festa não é muito importante. Dizem que acabando essa eles vão / começar a fazer outra que é ME-OKIERE ou então é ME-BIOK. Os nomes / que eu escrevi são nomes importantes para o meu povo. Amanhã a festa vai acabar e vamos ver como vai ficar, se eles vão fazer outra ou não.

Eu não vou dizer que os brancos estão acabando com os nossos costumes. É verdade que está mudando muita coisa porque primeiro quando o branco fez contato com a gente muita coisa mudou. Em primeiro lugar, o lugar do índio, a aldeia antiga do índio não é mais deles. Como no nosso caso. Primeiro meu povo morava num lugar chamado KAPORO. Claudio e Orlando Villas Boas já foram nessa aldeia. Eles conheciam nossa aldeia verdadeira. Eles fizeram até um campo de pouso lá. De lá meu povo se dividiu em dois grupos.

(Mega vai continuar escrevendo sobre isso mais tarde).

dia 20 de dezembro de 1980 ..

Hoje eu fui na aldeia dos Jurunas para trazer Berta (Ribeiro) e Frederico. Quando eu fui, levei 2 canoas com 6 pessoas e um menino, / para eles pescarem para o dono da festa. Quando deixei eles, aí eu fui sozinho até a aldeia dos Jurunas. Como eles estão autorizados pela / FUNAI para vir até o Kretize, eu aproveitei para convidá-los para ver

a festa. A festa começou às 6:00 horas mais ou menos e terminou às / 6:00 horas do dia seguinte. Eu vi a Berta e o Frederico gravando e tirando fotografias.

Nossa festa, a festa Kaiapó, não tem bebida alcoólica como os / índios Jurunas e como os brancos. Só tem bastante comida. Tem comida do dono da festa e tem também comida feita pela mãe, porque dizem que a família daquele pessoal já acabou. É por isso que o pessoal não / quer comer a comida feita pelo dono da festa. Dizem os velhos que os novos não podem comer aquela comida.

Mariana, eu vou escrever assim para ver se dá para eu escrever o livro que eu estou pensando em escrever. Eu já vou começar a escre- ver no outro caderno.

dia 29 de dezembro de 1980--

O nome do livro vai ser assim: " A História do meu povo MEMUEN- RE" Ou então vou escolher outro nome para meu livro. Eu espero que / esse pessoal que está aprendendo a ler e a escrever possa escrever / melhor do que eu. Mas o que eu estou querendo dizer é o seguinte: que tem muita coisa para escrever do meu povo, muita história para / deixar escrito no livro. Por isso é que eu estou querendo escrever / esse livro. Bom, isto é uma coisa que eu como índio estou pensando. Porque os brancos estão chegando cada vez mais perto de nós e da nossa terra. E voce como branca sabe que este povo só pensa em derru- bar mata e plantar capim para o boi comer. E voce sabe melhor do que eu, que o branco precisa de dinheiro para viver, porque sem dinheiro o branco não vive. E nós índios precisamos do mata para viver. Mas muitos brancos não compreendem nosso modo de viver. É por isso que / eu acho muito difícil de um compreender o outro.. Só eu e alguns ín- dios que sabem falar português que compreendem e entendem o modo de viver do branco, que podem compreender as coisas do branco. Os índios que não sabem falar português, aqueles que não conhecem o modo de vi- ver do branco, aqueles índios não sabem. Porque eles nunca foram na cidade. Eles conhecem, mas não conhecem como é na cidade grande. Pou- cos índios já conhecem a cidade grande, mas não compreendem muito so- bre a vida do branco. A vida do branco na cidade é muito diferente, é e os tem muitas coisas que nós índios não temos. Eles, os brancos, tem artilha, carros, navios, armas, etc. Daqui um tempo só os brancos é / que vão existir na terra. Porque os nossos filhos, ou filhos dos nos

os filhos não vão morar como nós estamos morando na terra. Daqui já um tempo eles não vão ter terra para eles morarem, nem para plantar amendoim, milho, banana, batata, etc. Por enquanto nós índios ainda temos terra garantida pelo governo.

Quando eu viajava pela cidade, eu via a cidade grande e via também as fazendas, só plantação de capim e gado comendo capim. Os brancos precisam criar gado porque os brancos comem carne de gado e também tomam leite de vaca. Eu como índio compreendo a vida dos brancos e acho que os brancos precisam criar gado. Porque se eles não criarem gado, como é que eles vão viver? Porque os brancos são muitos e precisam ter bastante comida para eles. Nós índios precisamos compreender a vida do branco, porque a vida deles não é fácil.

Para nós índios também, a nossa vida é diferente, nós índios precisamos de terra, caça, peixe e bichos para viver. Nós aqui do Xingu ainda não sabemos viver como os brancos. Nós ainda estamos vivendo como os índios viviam alguns anos atrás. Os brancos precisam compreender o modo de viver do índio, daqueles índios que ainda vivem como índios. Eu acho que daqui um dia nós daqui do Xingu vamos viver como os outros índios que vivem perto da cidade grande. É por isso que nós daqui do Xingu precisamos nos preparar, aprender a ler e a escrever. Não só escrever e ler melhor, ou aprender as coisas dos brancos. Uma coisa que precisamos lembrar sempre são os nossos costumes, os costumes dos nossos povos. Precisamos estar bem preparados, aprender a ler e a escrever, para não sermos roubados, enganados. Porque o branco é muito sabido, eles mesmos enganam uns aos outros. Também precisamos aprender a trabalhar como os brancos, precisamos aprender a criar boi, galinha e porco. Como eu já disse, um dia não vai ter mais bichos para nós caçarmos, não vai ter mais peixe para nós pescarmos. Estou falando isso porque os caraibas são muitos, os caraibas não são iguais a nós, são muitos, mas são muitos mesmo.

Vamos ver se nós aprendemos a trabalhar como os caraibas, para trabalhar para a nossa gente. Vamos pensar no futuro dos nossos filhos, vamos pensar no futuro dos nossos netos. Vamos aproveitar a ajuda do governo, a ajuda da FUNAI para garantir o futuro dos nossos filhos. Vamos aproveitar a boa vontade das pessoas que estão conosco.

co, aqueles que vieram para nos ensinar a ler e escrever. Vamos bo-
tar nossos filhos para aprender a ler e escrever melhor do que nós.

Quando eu falo que daqui um tempo não vai ter bicho para caçar,
é porque lá perto da cidade não tem mais bichos. Só tem fazendas e
só tem boi ou plantação de cana ou milho, ou plantação de arroz. /
Não tem mato assim como tem mato aqui no Xingu. Eu já fui lá na al-
deia dos índios Guarany's, lá perto de São Paulo. Fiquei triste com /
eles, porque eles não tem mais terra, não tem mais mato para caçar e
nem rio para eles pescarem. Dizem que eles estão morando na terra /
que não é deles. Dizem que a terra é de um grupo de japoneses. Os /
Guarany's não tem culpa de- estarem morando daquele jeito. Talvez /
eles tem culpa também porque eles se espalharam pelos caraibas. Eles
foram trabalhar para os caraibas e foram saindo da aldeia até todos
se espalharem. Agora eles são poucos e não tem forças para enfrentar
os caraibas. Os caraibas são muitos, como eu já disse. É por isso que
vamos tomar muito cuidado para que não fiquemos iguais aos Guarany's,
e outros índios que já não tem mais aldeia. Eles não tem mais povo,
eles estão espalhados no meio dos caraibas. Nós temos terra para tra-
balhar, se nós quisermos ganhar dinheiro, vamos trabalhar na nossa /
terra, vamos plantar. Vamos plantar arroz, feijão, banana, milho e a-
mandioca para ganhar dinheiro. É para ganhar dinheiro, por causa do di-
nheiro que outros índios se espalharam. Vamos trabalhar mais, traba-
lhar junto com os nossos parentes, não vamos trabalhar sozinhos. Co-
mo nós não temos castanha para colher, vamos plantar as coisas que eu
já falei só atrás.

Nós aqui do Kretire e do Jarina, não temos castanha para traba-
lhar, os outros Trucarranáes como GOROTIRE, KUBEN KRAN KEIM, KOKRAI-
BRORO, NEKRAGNOTI, BAU e HIKRETUPI, esse pessoal tem castanha para /
trabalhar. Essa época agora é a colheita da castanha nessas aldeias/
que escrevi só atrás. Eu acho que já escrevi que antigamente a nossa
vida não era assim. É só agora depois do contato com o branco é que /
estamos trabalhando sem parar. Principalmente meu povo Kaiapó, que era
um grupo de índios fortes, guerreiros. Hoje em dia todos os índios/
precisam trabalhar para ter as coisas dos caraibas, porque quando o
caraiba estava fazendo contato conosco, eles usavam as coisas deles/
para nos atrair. Como nós índios não tínhamos machados de ferro, fa-
cões, facas e mais coisa, os caraibas usavam essas coisas para nos a

Eu já disse que não estão dando mais essas coisas. Aqui no Parque do Xingu ainda tem coisas que o pessoal dá, mas nos outros lugares não é mais assim. Mesmo que tenha coisas para dar, eles dão muito pouco. Daqui para frente as coisas vão ficar cada vez mais difíceis para nós. É por isso que eu estou falando para o meu pessoal que precisamos aprender as coisas dos caraibas. Aprender as coisas dos caraibas é plantar banana, arroz, feijão, etc. Como eu já disse, há muito tempo atrás, meu povo já plantava banana, milho, batata doce, e mandioca. Agora é só aumentar a roça e plantar mais para sobrar quando for vender. Porque a FUNAI não vai ficar sempre dando as coisas. Pode ser que eles sempre vão nos dar assistência médica aqui no Parque. Mas de qualquer maneira vamos estar preparados para enfrentar a vida do caraiba. Nós estamos preparados para enfrentar a vida do índio, mas não estamos preparados para viver como os caraibas vivem.

Eu já disse muitas vezes e sempre vou dizer que a nossa vida é diferente da vida do KUBEM caraiba. Nossa vida é esta que vocês sabem melhor do que eu. Nós índios temos filhos para criar, para dar comida para eles. Como é que vamos dar comida para nossos filhos?? Caçando pescando e fazendo roça é como nós temos que fazer para dar comida para nossos filhos. É por isso que vamos ficar de olhos abertos na nossa terra.

Parque do Xingu.

P.I. Diauarum, 3 de maio de 1981.

BAR.